

Os recursos visuais no ensino-aprendizagem de vocabulário em língua estrangeira

Renata Bittencourt Procópio
Patrícia Nora de Souza

O trabalho investiga o uso dos recursos visuais no ensino-aprendizagem de vocabulário. Com base em Kress e Van Leeuwen (1996) e Callow (1999), discute-se a relação dos recursos visuais com o aprendizado de vocabulário e reflete-se sobre a necessidade de capacitar os alunos a explorar de forma consciente e crítica tais recursos, visando uma melhor compreensão dos significados e usos das palavras. A discussão tem como objeto de análise os exercícios de vocabulário presentes em cinco livros didáticos contemporâneos de inglês como língua estrangeira para principiantes. Espera-se com esta comunicação, trazer contribuições para uma seleção e exploração mais eficientes dos recursos visuais para o ensino-aprendizagem de vocabulário em uma situação de língua estrangeira.

Palavras-chave: recursos visuais, ensino-aprendizagem de vocabulário, língua estrangeira.

1- Introdução

A partir do final do século XX observam-se mudanças significativas na forma de veiculação da informação.

Os recursos visuais, que não só abrangem, mas também conferem grande importância aos aspectos gráficos, como o negrito, o sublinhado, o itálico, os tamanhos e tipos diferentes de fontes, assim como a inclusão de outros aspectos visuais a uma página impressa, como uma fotografia, diagramas, gráficos, barras, linhas, caixas, ilustrações, tabelas, elementos gráficos e cores, passam a ser cada vez mais utilizados nos meios de comunicação, entretenimento e ensino, fruto de uma necessidade que a sociedade moderna tem de absorver a informação com mais agilidade e rapidez.

Conseqüentemente, os recursos visuais não são mais entendidos meramente como ilustrações de apoio ao texto escrito, mas como uma mensagem independente, organizada e estruturada, e que, segundo Buratini (2004), possui, muitas vezes, o mesmo nível de importância das informações verbais.

Tais mudanças na forma de veiculação da informação levam teóricos de orientação semiótica e pesquisadores da área de comunicação visual (Kress e Van

Leeuwen, 1996; Kress, 1998), bem como teóricos da área da educação (Callow, 1999; Buratini, 2004; Oliveira, 2006) a considerar a leitura crítica de informação visual uma necessidade para a sociedade atual. Em outras palavras, despertar no aluno-leitor uma maior sensibilidade ao visual, bem como o conhecimento dos possíveis caminhos dos efeitos de sentido gerados pela sua integração com o verbal.

Este contexto nos motivou investigar a relação de tais recursos visuais no ensino e aprendizagem de vocabulário, tendo como objeto de análise os materiais didáticos contemporâneos de inglês.

A literatura sobre o ensino-aprendizagem de vocabulário tem salientado que os recursos visuais são um apoio valioso para o aprendizado de vocabulário. Os estudos de Nation (2001) e Mayer (1997 e 2001) apontam que as ilustrações, ações, fotos, e objetos reais contribuem significativamente para o processo de compreensão do significado das palavras novas. Além disso, o uso dos recursos visuais aliado aos recursos verbais favorece, segundo Rodrigues e Sadoski (2000) e Jolly (2003), a aquisição do conhecimento lexical, já que a multimodalidade capacita os alunos a construir representações mentais ricas, bem como estabelecer conexões entre elas, ampliando, desta forma, a compreensão. Nesse contexto, o aprendizado se torna mais significativo e os aprendizes são capazes de criar uma compreensão mais profunda.

Considerando essas questões, buscamos, no presente trabalho, discutir sobre quais recursos visuais são utilizados para o ensino de vocabulário e como eles são explorados nos livros didáticos contemporâneos de inglês como língua estrangeira, tendo como base as teorias sobre o letramento visual. Mais detalhadamente, interessamos investigar, com base nos estudos de Kress e Leeuwen (1996), que apontam que o componente visual não é mais visto como dependente do texto verbal e vice-versa, mas sim como uma mensagem independentemente organizada e estruturada, com status

igual ao verbal, como se dá o ensino-aprendizagem de vocabulário em língua estrangeira, a partir da integração da informação visual e da informação verbal nos exercícios de vocabulário dos materiais didáticos contemporâneos.

O trabalho está organizado em 3 seções. A primeira discute teorias sobre o letramento visual. A segunda apresenta nossa análise dos materiais didáticos e a terceira nossas conclusões.

2- O letramento visual

O letramento visual deve fazer parte do programa de ensino uma vez que nós não aprendemos a negociar significado de uma imagem simplesmente pela exposição a ela. As capacidades a serem desenvolvidas requerem tanto tempo quanto ampla exposição, além de intervenções educacionais de vários tipos.

Segundo Yenawine (1997) e Reiland (2006), o letramento visual pode ser definido como a habilidade de entender e produzir mensagens visuais, capacidade esta que gera benefícios a professores e alunos. De uma forma geral, os indivíduos visualmente letrados olham uma imagem cuidadosa e criticamente, atentando para a intenção do seu criador. Mais detalhadamente, os alunos letrados visualmente estão aptos a compreenderem os elementos básicos do *design* visual; perceberem as influências emocionais, psicológicas, fisiológicas e cognitivas nos visuais; compreenderem as imagens simbólicas, representacionais, explanatórias e abstratas; serem observadores informados e críticos da informação visual; e comunicadores visuais efetivos.

Oliveira (2006), em sua pesquisa, propõe um guia para a análise do texto visual, com destaque para fotos jornalísticas, em contexto de sala de aula, a partir da “gramática visual” de Browett (2002) e Lemke (1997). O guia de Oliveira sugere questões para orientar a análise do texto visual agrupadas segundo as funções de

representação, orientação e organização propostas por Lemke. (Para uma lista das questões propostas vide Oliveira, 2006).

Para O'Toole (1994) e Kress e Leeuwen (1996) a composição e o equilíbrio dos elementos numa imagem exercem um papel importante na criação de significados, por isso eles também sugerem uma estrutura para a exploração dos visuais. Tal estrutura não somente considera os aspectos culturais e contextuais de uma imagem, mas as características lingüísticas, ou seja, uma 'gramática' inerente às imagens, composta de códigos cuja função é desempenhar uma determinada relação com o observador. Tais códigos, definidos por Callow (1999), entre outros, são: ângulo, enquadramento, cor, e demanda e oferta. Por exemplo, dependendo da cultura, posicionar uma pessoa ou objeto no centro ou em direção à esquerda ou direita, pode criar efeitos de sentido dramáticos. Em jornais, por exemplo, o texto e a imagem são posicionados de formas particulares, não somente para utilizar o limitado espaço da página, mas, também, para privilegiar certa estória em detrimento de outra, ou para dar proeminência a uma notícia.

Em síntese, a literatura apresenta estudos que não apenas salientam a relevância de preparar o aluno para a leitura dos visuais, mas também apontam caminhos concretos para tal, oferecendo, desta forma, para professores subsídios teóricos e práticos para o desenvolvimento de habilidades na leitura dos visuais.

3- O uso dos recursos visuais no ensino-aprendizagem de vocabulário nos materiais didáticos contemporâneos de inglês como língua estrangeira

3.1- Os materiais didáticos contemporâneos de inglês como língua estrangeira selecionados para análise

Para a realização deste estudo, selecionamos cinco livros didáticos de inglês para alunos iniciantes, pré-adolescentes ou adultos. A escolha dos livros didáticos foi baseada na data de publicação de cada um deles, priorizando os materiais de inglês

contemporâneos a partir do ano de 2003 até 2006. Tal escolha se deve às diversas mudanças que vêm ocorrendo nos últimos anos quanto à utilização dos recursos visuais no meio impresso, incluindo os materiais didáticos. Os livros selecionados para a análise são: Super ACE 1 (Amos e Prescher, 2006); Total English elementary (Foley e Hall, 2005); New English File elementary (Oxenden et al., 2004); Connect 1 (Richards, Barbisan e Sandy, 2004); e Imagine English 1 (Granger, 2003). Cumpre informar que adotamos para análise o livro-texto e o manual do professor de cada livro citado acima, excluindo apenas o livro de atividades.

3.2. A Análise dos materiais didáticos

A análise dos exercícios de vocabulário aponta que os recursos visuais são usados em abundância no ensino-aprendizagem de vocabulário. Os recursos visuais identificados são: imagens, fotos ou figuras, para contextualizar ou fornecer o significado da palavra alvo; e aspectos gráficos como as cores, sublinhado e negrito para dar destaque ao verbal ou para o ensino da pronúncia. Além disso, observam-se exercícios do tipo campo semântico que proporcionam ao aluno a possibilidade de organização do vocabulário a ser aprendido pela criação de redes associativas através de recursos visuais, facilitando, assim, seu entendimento e retenção.

Apesar de estarmos vivendo um momento em que o visual não é mais meramente visto como uma ilustração do verbal, mas como uma forma de expressão que apresenta um conjunto de normas interpretativas e possibilidades de significados particulares e que interagem de forma harmoniosa com o verbal, este é usado como mera ilustração do verbal, ou para dar destaque ao verbal em quase todos os exercícios de vocabulário dos livros analisados. Como exemplo podemos citar os exercícios dos livros New English File, exercício 2, p. 30; Connect 1, exercício 1, p. 18 e Total English, exercício 10, p. 71.

Cumpramos informar ainda que, apesar do uso abundante de figuras para ilustrar o verbal, observamos nos materiais analisados, alguns problemas quanto à seleção e utilização das mesmas. Dentre eles podemos citar o espaço excessivo e desnecessário que elas vêm ocupando na página, sendo maior até que o destinado ao verbal. Como exemplo, podemos citar o exercício 1 do livro *Connect 1*, p. 72, cujo objetivo é ensinar palavras relacionadas a equipamentos de um centro de informática. Observa-se que esse exercício traz uma figura enorme que ocupa quase toda a página contendo vários objetos para ilustrar o significado das palavras listadas. No entanto, nem todos os objetos representados nas figuras são eficazes quanto à representação de tais palavras, já que não é possível inferir, pela imagem, o significado de algumas delas. Ao contrário do esperado, nesse exercício, as figuras podem confundir o aluno e até mesmo levá-lo a uma compreensão equivocada do significado dessas palavras.

Quanto ao uso das cores, as palavras-alvo podem ser escritas no texto em cores diferentes ou marcadas por cores diferentes, aspecto este último comum atualmente devido à influência da função realce propiciada pelo computador. Como exemplo podemos citar o exercício *Can you understand this text?*, p. 27, e o exercício 1 c, p. 100 do livro *New English File*.

O objetivo da utilização das cores, na grande maioria das atividades dos materiais analisados, é chamar a atenção para as palavras novas a serem inferidas, geralmente em um texto, visando dar saliência as mesmas facilitando, assim, sua retenção. O foco desse tipo de exercício é na significação, ou seja, levar o aluno a inferir o significado de determinadas palavras em um texto, as quais são selecionadas de forma aleatória. Além disso, apenas um significado da palavra é explorado, negligenciando-se, assim, a existência de outros significados da palavra (vide modelo de competência lexical de Scaramucci, 1995:83). Observa-se ainda que não são fornecidas aos alunos

estratégias para a inferência do significado das palavras, tais como a utilização do contexto, análise de prefixos e sufixos, cognatos e falsos cognatos, etc.

Quanto ao uso do sublinhado, no livro *New English File*, observamos a utilização deste recurso em vários exercícios para destacar a pronúncia das palavras novas. Como exemplo podemos citar os exercícios *Vocabulary clothes*, p. 48 e o exercício *Vocabulary directions*, p. 72 do livro *New English File*.

Os exercícios do tipo campo semântico, por sua vez, utilizam outros recursos gráficos, tais como o uso de caixas de texto para que o aluno organize o vocabulário na coluna certa de acordo com as palavras destacadas em cada uma delas e a apresentação da palavra tópico dentro de um círculo, exercendo o papel de termo guarda-chuva, com linhas para os alunos completarem com palavras a ela relacionadas. Como exemplo podemos citar o exercício 3, p. 51, do livro *Total English*.

Em síntese, a análise do material didático mostrou que os exercícios de vocabulário apresentam recursos visuais variados de apoio para o aprendizado de vocabulário, seguindo uma tendência da sociedade moderna, como já explicitado. A concepção de recurso visual dos materiais analisados parece não se limitar, portanto, ao de figuras, como comumente acontecia. No entanto, tais exercícios não apresentam uma preocupação em desenvolver no aluno habilidades para a leitura de tais visuais e sua relação com a informação verbal. Fica, assim, a cargo do aluno a exploração de tais recursos para a compreensão dos significados e usos das palavras. Como exemplo podemos citar o exercício 1, p. 15, do livro *New English file*.

4- Conclusão

Procuramos, neste trabalho, discutir sobre quais recursos visuais são utilizados para o ensino de vocabulário e como eles são explorados nos materiais didáticos

contemporâneos, tendo como base teorias que sinalizam a necessidade de desenvolver no aluno-leitor habilidades para a leitura dos visuais.

A análise dos materiais didáticos contemporâneos de inglês aponta o uso abundante de recursos visuais para o ensino-aprendizagem de vocabulário. Os tipos de recursos visuais identificados englobam não apenas imagens, fotos ou figuras, mas também os aspectos gráficos como as cores, o sublinhado e o negrito utilizados para dar destaque, principalmente ao verbal. Além disso, identificamos exercícios do tipo “campo semântico” que proporcionam ao aluno a possibilidade de organização do vocabulário a ser aprendido pela criação de redes associativas através de recursos visuais.

Embora os recursos visuais sejam utilizados nos materiais didáticos analisados de forma mais ampla, ou seja, além do uso de figuras, seguindo uma tendência atual apontada por teóricos da comunicação visual, estes ainda são entendidos e usados como mera ilustração, muitas vezes incompreensíveis, ou para dar destaque ao verbal, objetivando proporcionar ao aluno o conhecimento de apenas um dos significados do vocabulário-alvo, em detrimento do ensino dos vários conhecimentos que propiciam a competência lexical.

Além disso, observa-se que não há uma preocupação em desenvolver no aluno um letramento visual que o capacite a usar os recursos visuais para uma melhor compreensão dos significados e usos do vocabulário-alvo, deixando para o aluno, todo o trabalho ou a percepção dos caminhos de sentido que podem ser construídos na integração das informações verbais e visuais.

Concluindo, o fato de estarmos frente a novas formas de veiculação da informação em que o aspecto visual assume novo status e interagi de forma mais integrada com o verbal nos leva a refletir sobre a seleção apropriada de informação

visual para o ensino do vocabulário, bem como a necessidade de ensinar o aluno a explorá-la para que de fato esta seja um elemento de apoio no ensino-aprendizagem de vocabulário.

Referências

AMOS, E. e PRESCHER, E. *Super ACE 1*. São Paulo: Longman, 2006.

BROWETT, J. Critical Literacy and visual texts: Windows on Culture. *Impact*, v.11, n.2, p.24-29, 2002.

BURATINI, D. Z. *Os recursos visuais na compreensão de leitura em língua estrangeira: reflexões sobre exames de vestibular*. 2004. Dissertação (mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CALLOW, J. *Image matters: visual texts in the classroom*. Sydney: Primary English Teaching Association, 1999.

FOLEY, M. e HALL, D. *Total English elementary*. England: 2005.

GRANGER, C. *Imagine English 1*. Oxford: Macmillan Heinemann, 2003.

JOLLY, S. *Studying the effectiveness of animation and graphics with text on fourth, fifth and sixth graders*. 2003. Dissertação (mestrado) – University of Nebraska, Lincoln, 2003.

KRESS, G. Visual and verbal modes of representation in electronically mediated communication: the potentials of new forms of text. In Snyder, I. *Page to Screen: Taking literacy into the electronic era*. Routledge, 1998. cap. 3, p. 53-79.

KRESS, G. e VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. Routledge, 1996.

LEMKE, J.L. Multiplying Meaning. In: MARTIN, J.R. e VEEL, R. (Eds.). *Reading Sciences*. London: Routledge, 1998.

- MAYER, E. R. *Multimedia Learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- MAYER, E.R. Multimedia learning: Are we asking the right questions? *Educational Psychologist*, Lawrence Erlbaum Associates 32(1), 1997:1-19.
- NATION, I.S.P. *Learning Vocabulary in Another Language*. Cambridge University Press, 2001.
- OLIVEIRA, S. Texto visual e leitura crítica: o dito, o omitido, o sugerido. In: *Linguagem & Ensino*, 2006, Pelotas. Anais. Vol. 9, No. 1, p. 15-39.
- O'TOOLE, M. (1994) *The language of displayed art*. London: Leicester University Press.
- OXENDEN et al. *New English File elementary*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- RICHARDS et al. *Connect 1*. New York, 2004.
- RIESLAND, E. *Visual literacy and the classroom*, 2006. Disponível em: <<http://www.newhorizons.org/strategies/literacy/riesland.htm>>. Acesso em: 25 abril 2006.
- RODRÍGUEZ, M. e SADOSKI, M. Effects of Rote, Context, Keyword, and Context/Keyword Methods on Retention of Vocabulary in EFL Classrooms. In: *Language Learning* 50:2, June 2000, pp.385 – 412.
- SCARAMUCCI, M.V.R. O papel do léxico na compreensão em leitura em língua estrangeira: foco no produto e no processo. 1995. Tese (doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- YENAWINE, P. *Thoughts on visual literacy*. In: *Handbook of research on teaching literacy through the communicative and visual arts*. Lawrence Erlbaum associates publishers, 1997. parte VII, pag. 845-846.